

## Jamais fomos modernos (obra)

**Escrito por:** Caio de Oliveira Lima Alves.

**Publicado em:** 24/01/2026

Considerado um texto fundamental no campo dos estudos de ciência, tecnologia e sociedade (STS), com impactos importantes na antropologia, na sociologia e na filosofia, *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica* (1991), de [Bruno Latour \(1947-2022\)](#), surge em um contexto intelectual marcado pelas chamadas “guerras da ciência” (*science wars*). Trata-se de uma disputa sobre o estatuto do conhecimento científico, polarizada entre um realismo que entende a ciência como a descoberta de fatos prontos e um relativismo que insiste no caráter socialmente construído de tais fatos. Latour busca contornar essa alternativa dicotômica ao propor, com este ensaio, uma terceira posição, o “relacionalismo”. Essa orientação toma as relações e mediações como objeto de análise, compreendendo que é a partir delas que os seres adquirem figuração. Para o autor, portanto, é preciso pensar a produção de conhecimento pelo prisma das relações experimentais, uma vez que a prática científica é posta em curso mediante pactos, provas e composições entre humanos e não humanos.

Latour engaja-se com os desenvolvimentos da etnologia do começo dos anos 1980, sobretudo com os trabalhos de Philippe Descola (1949-). O que está em jogo no diálogo que estabelece com o antropólogo francês é o modo como ele reivindica certos elementos da disciplina para consolidar seu postulado de uma “antropologia simétrica”, contrapondo-se, no mesmo ato, a uma “antropologia clássica” que estabeleceria uma assimetria entre nós, “modernos”, que teríamos natureza, e os “outros”, que teriam culturas e cosmologias, isto é, representações sobre esta natureza. A etnografia de Descola é mobilizada por Latour para mostrar que, quando se debruça sobre coletivos não ocidentais, a antropologia é capaz de integrar, numa descrição única e abrangente, o que o pensamento moderno separa: natureza e sociedade, humanos e não humanos; procedendo dessa forma, ela capta as sociedades no “tecido interno” de suas naturezas-culturas. Mas o problema,

ALVES, Caio de Oliveira Lima. “Jamais fomos modernos”. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2026. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/jamais-fomos-modernos>. ISSN: 2676-038X.

segundo Latour, é que esse mesmo olhar não é aplicado quando se trata de analisar a “nós mesmos”. Daí o objetivo da obra de formular um programa de “antropologia dos modernos”, em que o mesmo ferramental etnográfico empregado no estudo dos “outros” passe a ser aplicado aos modernos, de modo a dispensar tratamento simétrico a humanos e não humanos.

O livro representa o ponto culminante de uma agenda de pesquisa iniciada ao final dos anos 1970 com *Vida de laboratório* (1979) e *Ciência em ação* (1987), ao longo da qual Latour desenvolve uma abordagem etnográfica do fazer científico. Seus argumentos lastreiam-se, assim, em observações sobre como fatos científicos são coletivamente feitos por meio de redes de humanos e não humanos, isto é, de conexões entre agentes heterogêneos, como, por exemplo, a rede que associa pesquisadores, técnicas, substâncias químicas, equipamentos laboratoriais e artigos científicos que, conjuntamente, sustentam a produção e estabilização de um fato. No conjunto da obra latouriana, *Jamais fomos modernos* marca a passagem desses estudos empíricos para um diagnóstico crítico da modernidade.

O ensaio é estruturado em cinco capítulos ao longo dos quais o autor lança mão de exposições teóricas e estudos de caso. Nesse percurso, é particularmente importante o trabalho de história social da ciência de Steven Shapin (1943-) e Simon Schaffer (1955-) sobre a controvérsia entre Robert Boyle (1627-1691) e Thomas Hobbes (1588-1679) a respeito da bomba de ar e dos diferentes modos de produção e de validação do conhecimento defendidos por cada um. É a partir dela que Latour localiza, no século XVII, a emergência simultânea do poder social e do poder natural enquanto esferas separadas, cada qual com seu âmbito próprio. Tem-se aí o “acordo constitucional” que fixa a clivagem entre a ciência como domínio da natureza e a política como domínio do humano, da qual deriva a partição do real entre natureza e cultura que está na base do que ele designa como “Constituição moderna”.

A tese central é que o pensamento moderno se fundamenta em dois conjuntos distintos, mas intimamente relacionados, de práticas. De um lado, a “purificação”, que gera a ideia de uma distinção cristalina entre natureza (não humana, por definição) e cultura (humana, por essência), estabelecendo duas zonas ontológicas

separadas; de outro, a “tradução”, que promove associações entre elementos heterogêneos, gerando híbridos de natureza e cultura. Ainda que soem contraditórias, essas práticas são inseparáveis, pois a purificação confere legitimidade e, consequentemente, velocidade e escala ao trabalho de tradução ou hibridização. Este é, segundo Latour, o paradoxo dos modernos, do qual eles extraem sua energia de ação: purifica-se como garantia para misturar sem tabus.

A modernidade seria a produção desses mistos e, ao mesmo tempo, a reiteração da diferença essencial entre o humano e o não humano. É por isso que, a despeito de nossa arquitetura epistemológica dualista, “jamais fomos modernos”: na prática, nunca destacamos plenamente natureza e sociedade, mas, ao contrário, fizemos proliferar híbridos que desafiam essas separações, embora o discurso oficial insista em mantê-los invisíveis. A metáfora da “Constituição” nomeia justamente esse arranjo tácito que separa e, ao mesmo tempo, permite misturar, garantindo que, ao final, o real pareça sempre ou natural ou social. O mundo mobilizado por essa múltipla valência da ação dos modernos permaneceu relativamente estável até que essa máquina de purificação passasse a produzir exceções em demasia: quase-sujeitos e quase-objetos que não se encaixam no repertório crítico modernista. Problemas como a crise climática, objeto das conferências reunidas em *Dianete de Gaia* (2015), evidenciam essa saturação e nos obrigam a reconsiderar as composições entre humanos e não humanos em suas consequências socioecológicas.

A ideia de “parlamento das coisas” apresentada por Latour no último capítulo do livro é um chamado a estender a democracia aos não humanos, o que implica desenvolver dispositivos de representação capazes de contemplar esses mistos que já constituem nosso mundo comum. Trata-se da defesa de um reconhecimento não moderno, calcado nas misturas, nos processos e nas consequências da hibridização, de modo a livrar o tempo dos modernos da temporalidade unilinear do progresso, que escalona os povos. Esse reconhecimento, por sua vez, fornece os fundamentos de uma nova comensurabilidade entre “nós” e os “outros”, não ocidentais, pois, estendendo a mirada antropológica simétrica aos modernos, o que Latour demonstra é que, assim como todos os outros coletivos, estamos nós também inseridos na

mesma matriz antropológica da experimentação, isto é, somos todos compositores de mundo.

Entre as mais diversas apropriações e releituras, a recepção do livro mostra que, por um lado, ele forneceu às ciências sociais um arcabouço conceitual potente para analisar coletivos heterogêneos sem reduzi-los ao natural ou ao social; por outro, foi por vezes criticado por privilegiar a descrição de associações e mediadores em detrimento de assimetrias estruturais de poder e conflitos que não se deixam compreender pela gramática da teoria ator-rede, que ele apresenta sistematicamente em *Reagregando o social* (2005). No Brasil, a circulação da obra de Latour em geral e deste livro em particular contribuiu para a consolidação de um campo de antropologia das ciências, com trabalhos como a tese de Stelio Marras (1970-) sobre laboratórios de biologia e genética, as pesquisas de Guilherme Sá sobre a formação de coletivos humanos e animais na primatologia, e a tese de Felipe Süsskind (1973-), que seguiu as redes sociotécnicas que perfazem as iniciativas de conservação da onça pintada no Pantanal. A obra encontrou reverberações também na etnologia, especialmente no diálogo com [Eduardo Viveiros de Castro \(1951-\)](#) a respeito do “grande divisor” natureza/cultura e da chama virada ontológica, que abriu caminho para levar a sério enunciados extra-modernos não como metáforas ou representações sobre uma realidade única, mas como expressões de realidades múltiplas, comparáveis não mais quanto culturas, mas sim modos diversos de fazer mundos.

## COMO CITAR ESTE VERBETE

ALVES, Caio de Oliveira Lima. “Jamais fomos modernos”. In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2026. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/jamais-fomos-modernos>

## PALAVRAS-CHAVE

antropologia francesa; filosofia francesa; estudos de ciência e tecnologia; grande divisor; natureza/cultura; teoria ator-rede; pós-modernismo;

ALVES, Caio de Oliveira Lima. “Jamais fomos modernos”. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2026. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/jamais-fomos-modernos>. ISSN: 2676-038X.

## BIBLIOGRAFIA

DESCOLA, Philippe, *La Nature domestique: symbolisme et praxis dans l'écologie des Achuar* (1986), Paris, Maison des Sciences de l'Homme, 2019

FELLIPIN DOS SANTOS, Guilherme & COSTA, Bruna Mayer, “Diante de Gaia”, In: *Enciclopédia de Antropologia*, São Paulo, Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2025. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/diante-de-gaia>

GRAHAM, Harman, *The prince of networks: Bruno Latour and metaphysics*, Melbourne, re.press, 2009

HARAWAY, Donna, “A Cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth century” In: *Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature*, New York, Routledge, 1991 (Trad. Bras. Tomaz Tadeu. In: HARAWAY, Donna, KUNZRU, Hari, TADEU, Tomaz, *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*, Belo Horizonte, Autêntica, 2009, 2a ed.)

LATOUR, Bruno, *Nous n'avons jamais été modernes. Essai d'anthropologie symétrique*, Paris, La Découverte, 1991 (Trad. Bras. Carlos Irineu da Costa. São Paulo, Editora 34, 1994)

LATOUR, Bruno, *Science in action: how to follow scientists and engineers through society*, Cambridge, MA, Harvard University Press, 1987 (Trad. Bras. Ivone Benedetti, São Paulo, Editora Unesp, 2012)

LATOUR, Bruno, *Politiques de la nature. Comment faire entrer les sciences en démocratie*, Paris, La Découverte, 1999 (Trad. Bras. Carlos Aurélio Mota de Souza. Bauru, EDUSC, 2004)

LATOUR, Bruno, *Reassembling the social. An introduction to actor-network theory*, Oxford, Oxford University Press, 2005 (Trad. Bras. Gilson Cesar Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru, EDUFBA/EDUSC, 2012)

LATOUR, Bruno, *Face à Gaïa: huit conférences sur le nouveau régime climatique*, Paris, La Découverte, 2015 (Trad. Bras. Maryalua Meyer. São Paulo, Ubu Editora, 2020)

LATOUR, Bruno & WOOLGAR, Steve, *Laboratory life: the construction of scientific facts*, Princeton, NJ, Princeton University Press, 1979 (Trad. Bras. Angela Ramalho Vianna. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1997).

ALVES, Caio de Oliveira Lima. “Jamais fomos modernos”. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2026. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/jamais-fomos-modernos>. ISSN: 2676-038X.

**Enciclopédia de Antropologia**  
[ea.fflch.usp.br](https://ea.fflch.usp.br)

MARINI, Marisol & BAILÃO, André S., “Bruno Latour”, In: *Enciclopédia de Antropologia*, São Paulo, Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2023. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/autor/bruno-latour>

MARRAS, Stelio, *Recintos e evolução: capítulos de antropologia da ciência e da modernidade*, Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009

MARRAS, Stelio, “O mundo desde o fim” (2020) In: Geane Alzamora; Joana Ziller; Francisco Coutinho (orgs.), *Dossiê Bruno Latour*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2020

SÁ, Guilherme, *No mesmo galho. Antropologia de coletivos humanos e animais*, Rio de Janeiro, Editora 7Letras, 2013

SCHAFFER, Simon & SHAPIN, Steven, *Leviathan and the Air-Pump*, Princeton, Princeton University Press, 1985

SILVA E SILVA, Fernando, “‘Jamais Fomos Modernos’ e a potência da transformação do pensamento de Bruno Latour. Entrevista especial com Fernando Silva e Silva”, *Instituto Humanitas Online – UNISINOS*, 17 nov. 2021, disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/614526-jamais-fomos-...>

SÜSSEKIND, Felipe, *O rastro da onça. Relações entre humanos e animais no Pantanal*, Rio de Janeiro, Editora 7Letras, 2014

SÜSSEKIND, Felipe, “Natureza e Cultura: Sentidos da diversidade”, *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2018, p. 236-254

SZTUTMAN, Renato & MARRAS, Stelio, “Por uma antropologia do centro. Entrevista com Bruno Latour”, *Mana*, 10 (2), Rio de Janeiro, 2004, p. 397-414

VELHO, Otávio, “Comentários sobre um texto de Bruno Latour”, *Mana*, 11 (1), Rio de Janeiro, 2005, p. 297-310

ALVES, Caio de Oliveira Lima. “Jamais fomos modernos”. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2026. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/jamais-fomos-modernos>. ISSN: 2676-038X.